



Poemas
ESTAÇÃO
POÉTICA

ELENIR ALVES
ORGANIZADORA

selo
REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores

Organização e projeto editorial: Elenir Alves

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2022

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO
DO POEMA

NÃO EXISTE ESTAÇÃO PRINCIPAL, POR ANDRÉ LUIZ
MARTINS DE ALMEIDA, PÁG. 05

O VENTO E A MORENA, POR PASSARINHO, PÁG. 07

QUEBRADEIRA, POR DENISE MARINHO, PÁG. 09

SOU, POR DENISE MARINHO, PÁG. 13

UM CÓRREGO E A VIDA QUE SE ESVAIU..., POR
ELAINE DOS SANTOS, PÁG. 15

APROVEITE O OUTONO, POR VÂNIA MALTA, PÁG. 17

FOLHAS DO OUTONO INCONFORMADAS, POR VÂNIA
MALTA, PÁG. 19

FLOR DE CACTO, POR WANDA ROP, PÁG. 21

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 23

ORGANIZAÇÃO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO: ELENIR
ALVES - ELENIR@CRANIK.COM

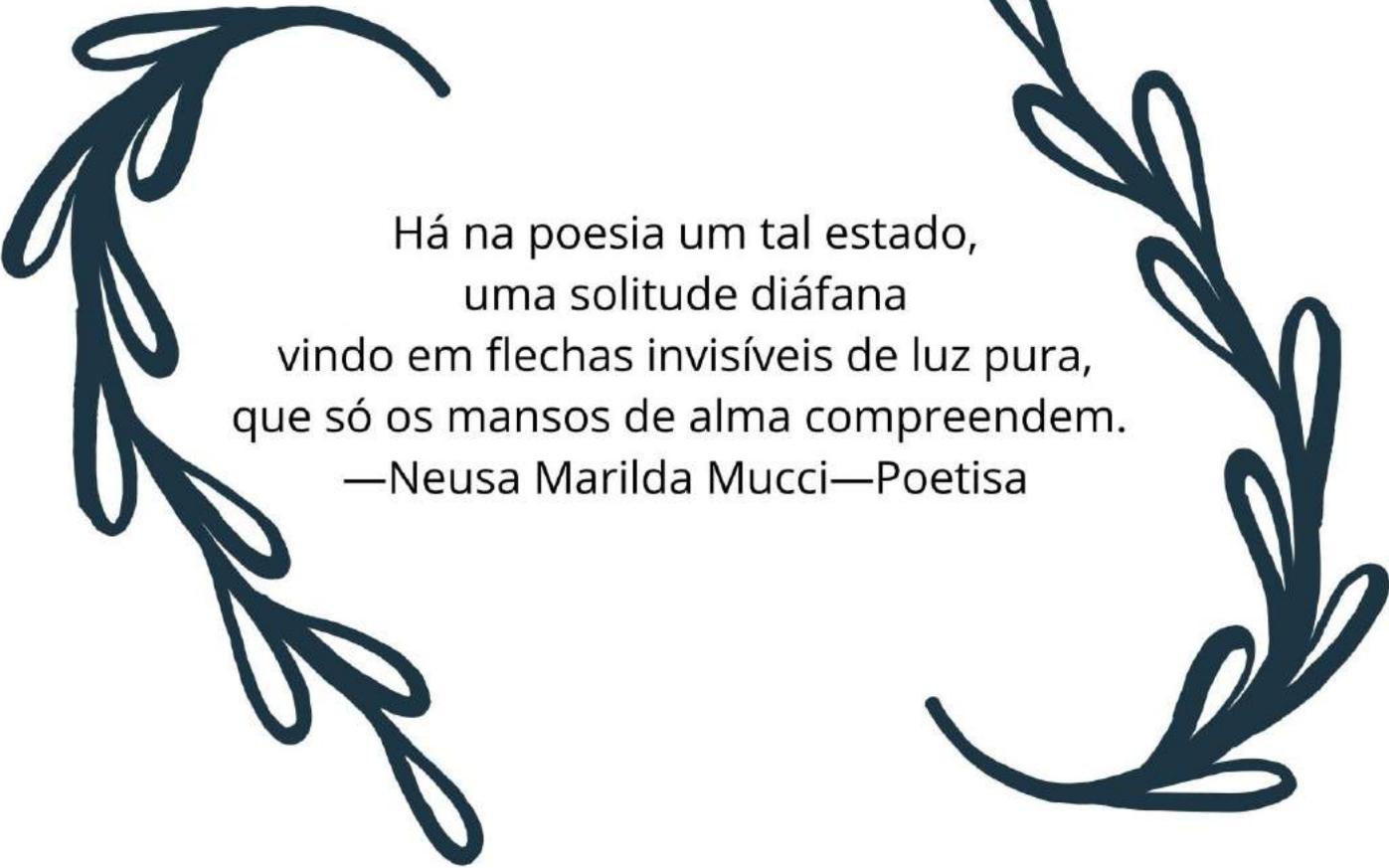
ELENIR@CRANIK.COM

WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

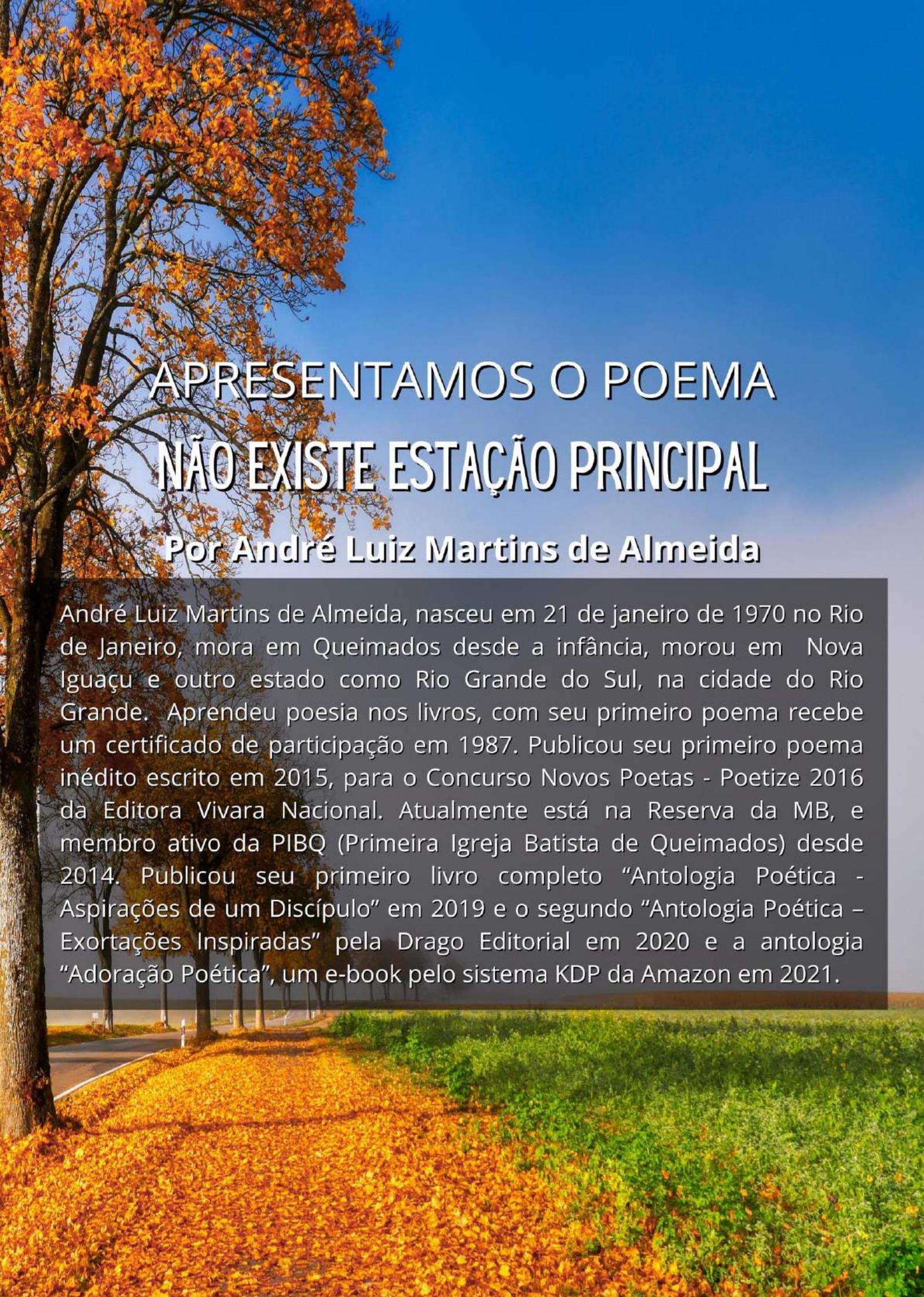
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM





Há na poesia um tal estado,
uma solitude diáfana
vindo em flechas invisíveis de luz pura,
que só os mansos de alma compreendem.
—Neusa Marilda Mucci—Poetisa



APRESENTAMOS O POEMA NÃO EXISTE ESTAÇÃO PRINCIPAL

Por André Luiz Martins de Almeida

André Luiz Martins de Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1970 no Rio de Janeiro, mora em Queimados desde a infância, morou em Nova Iguaçu e outro estado como Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Aprendeu poesia nos livros, com seu primeiro poema recebe um certificado de participação em 1987. Publicou seu primeiro poema inédito escrito em 2015, para o Concurso Novos Poetas - Poetize 2016 da Editora Vivara Nacional. Atualmente está na Reserva da MB, e membro ativo da PIBQ (Primeira Igreja Batista de Queimados) desde 2014. Publicou seu primeiro livro completo "Antologia Poética - Aspirações de um Discípulo" em 2019 e o segundo "Antologia Poética - Exortações Inspiradas" pela Drago Editorial em 2020 e a antologia "Adoração Poética", um e-book pelo sistema KDP da Amazon em 2021.

Que tipo de crente, és tu, cristão?
Ateu, fervoroso, adorador ou somente bom!
Que se deixa levar por qualquer cidadão,
Ou é arrastado na multidão, por qualquer som?

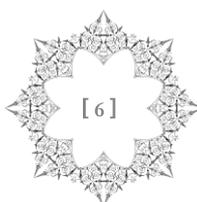
Parece que vives seus dias do ano, como as estações!
Como o **verão** estás tão quente, que não sente as preocupações!
Vem o vento que sopra, traz o **outono** e as frutas, mas faz com que a fé reduza! **(1)**
Você se sente distante da força, que o move ou conduza.

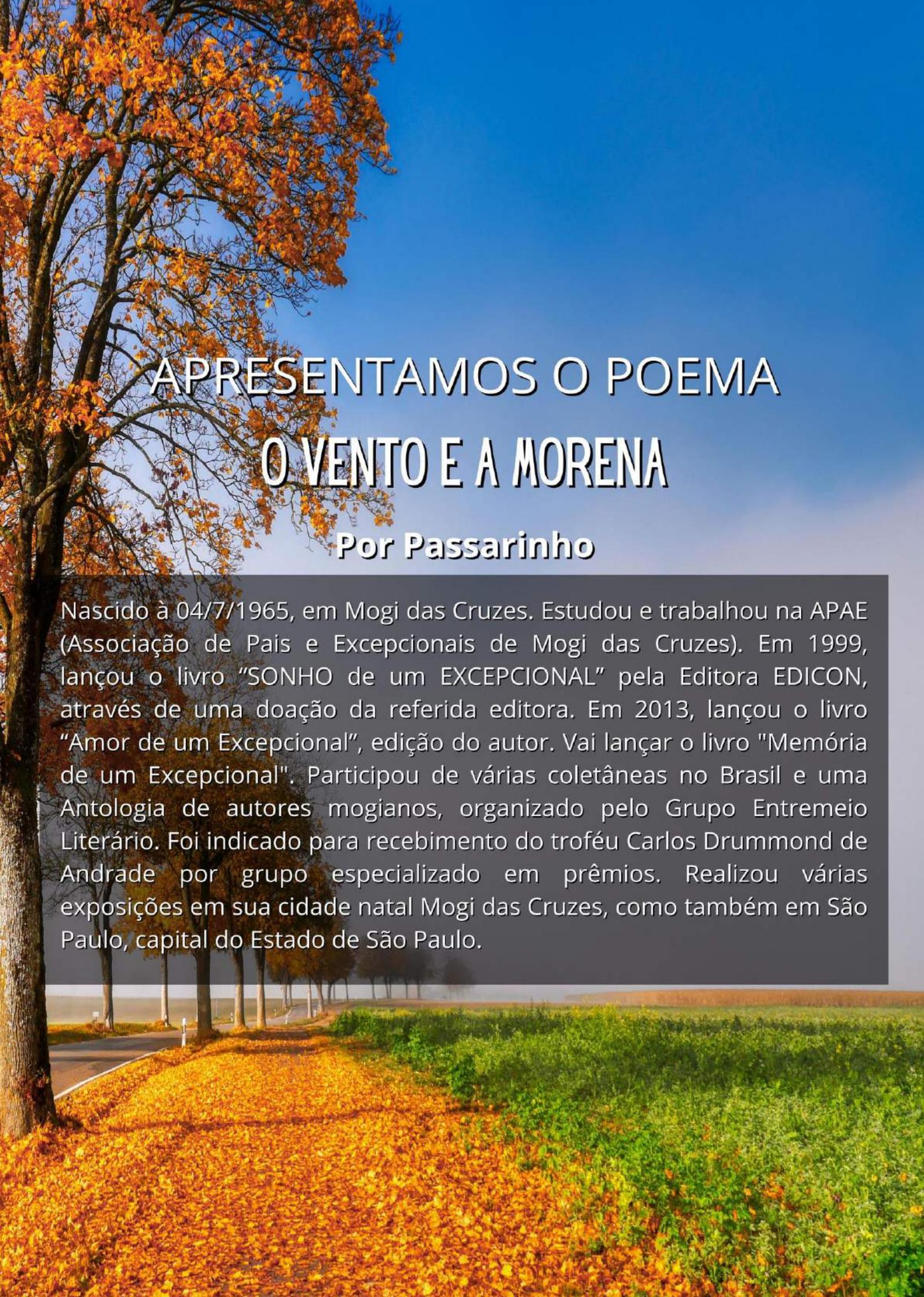
Estais no **inverno** da fé, período para ti mais perigoso,
Pois se sente sozinho, quer mais atenção, é mais rigoroso.
Essa distância traz agonia, por ser mais vagaroso,
Mas o vento sopra e nos traz para a **primavera**, um tempo mais gostoso!

Somos cativados pelo desabrochar das flores e sua beleza!
Fomos carregados num passeio por quatro ventos e sua leveza,
Para nos mostrar que **“não existe estação principal”** nesta correnteza!
Não podemos deixar que o vento nos carregue, num movimento de incerteza!

Nota: (1) “O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.” (João 3:8)

(2) Livro autoral do autor :Antologia Poética “Exortações inspiradas-Drago Editorial-2020.





APRESENTAMOS O POEMA O VENTO E A MORENA

Por Passarinho

Nascido à 04/7/1965, em Mogi das Cruzes. Estudou e trabalhou na APAE (Associação de Pais e Excepcionais de Mogi das Cruzes). Em 1999, lançou o livro "SONHO de um EXCEPCIONAL" pela Editora EDICON, através de uma doação da referida editora. Em 2013, lançou o livro "Amor de um Excepcional", edição do autor. Vai lançar o livro "Memória de um Excepcional". Participou de várias coletâneas no Brasil e uma Antologia de autores mogianos, organizado pelo Grupo Entremeio Literário. Foi indicado para recebimento do troféu Carlos Drummond de Andrade por grupo especializado em prêmios. Realizou várias exposições em sua cidade natal Mogi das Cruzes, como também em São Paulo, capital do Estado de São Paulo.

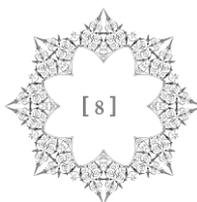
Sou poeta,
o seu amor é minha eterna paixão.

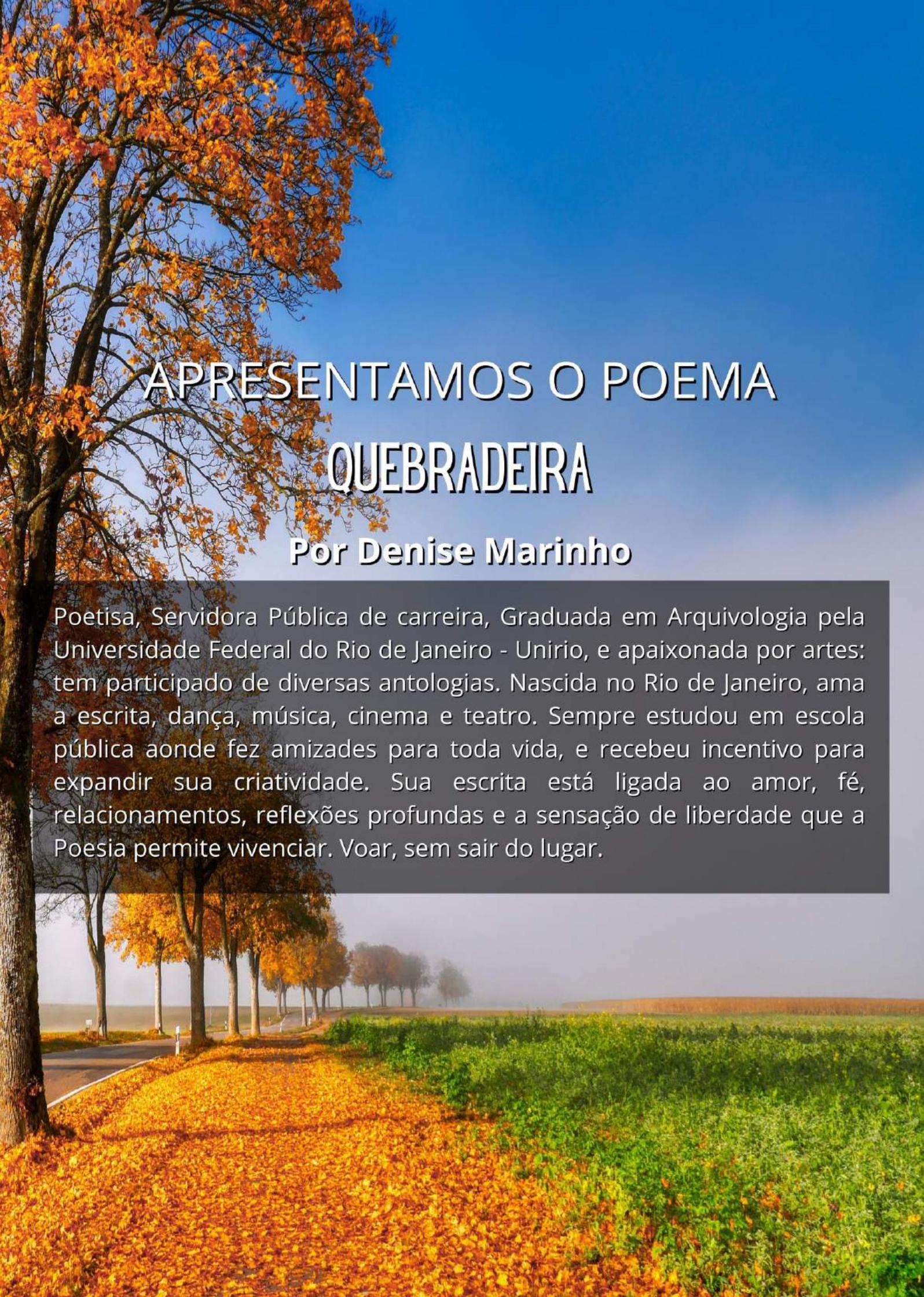
O vento te levou desse chão,
partindo o meu coração.

Queria você do meu lado,
ser o seu eterno namorado.

Sinto sua ausência,
te chamo com frequência.

Falo de ti nos meus versos e prosas,
e o meu pensamento voa como vento.





APRESENTAMOS O POEMA QUEBRADEIRA

Por Denise Marinho

Poetisa, Servidora Pública de carreira, Graduada em Arquivologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - Unirio, e apaixonada por artes: tem participado de diversas antologias. Nascida no Rio de Janeiro, ama a escrita, dança, música, cinema e teatro. Sempre estudou em escola pública aonde fez amizades para toda vida, e recebeu incentivo para expandir sua criatividade. Sua escrita está ligada ao amor, fé, relacionamentos, reflexões profundas e a sensação de liberdade que a Poesia permite vivenciar. Voar, sem sair do lugar.

São muitas as coisas
Coisas que quebram
Coisas que derrubamos
Coisas que consertamos
Coisas que tropeçamos
Coisas que lançamos bem longe

Na vida o que se quebrou naturalmente
Faz-se presente
No coração latente
Registrado na memória
Querendo reviver a história
Por muitas gerações
Buscando outra chance de ser útil de novo

O vaso da avó na estante
A caneca amarelada
O prato da infância que passou por gerações
E a panela enferrujada
Que ninguém quer largar
— É tradição da família,
Nem coloque a mão.

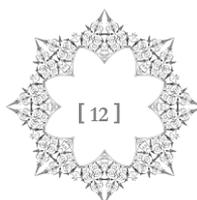
As promessas quebradas
A palavra falada
Que não se cumpriu
O acordo feito com tanta empolgação
Pessoas também quebram contratos
Feitos através de abraços

Há que se perdoar
Há que se resignar
Para preservar o romance e a amizade
Há que se solidarizar
Para que todo instante que não se quebrou,
Mas perdeu-se por falta de humildade e até sobriedade
Volte a se refazer, e tornar-se
Momento tranquilo de felicidade

Momento de sentar juntos
Conversar sobre tudo
Fazer um mosaico
Um belo castelo
Com aquilo que se quebrou.
E através de um novo olhar
Por esse vitral colorido
Continuar sem desistir
Do que se parecia perdido

Nem tudo é finito
Nem tudo acabou
Nem tudo virou lixo
É possível:
Selecionar
Reaproveitar
Ressignificar
As coisas que se quebram
Durante a jornada da vida

E em meio a quebradeira de tudo
Há que exercer resiliência
E também muita paciência
Relaxar um pouco, distrair os olhos
Ler um bom livro
Alimentar a imaginação
Caminhar juntos embaixo das estrelas
E ser feliz de novo
Juntar os cacos quebrados
Outra vez.





APRESENTAMOS O POEMA SOU

Por Denise Marinho

Poetisa, Servidora Pública de carreira, Graduada em Arquivologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - Unirio, e apaixonada por artes: tem participado de diversas antologias. Nascida no Rio de Janeiro, ama a escrita, dança, música, cinema e teatro. Sempre estudou em escola pública aonde fez amizades para toda vida, e recebeu incentivo para expandir sua criatividade. Sua escrita está ligada ao amor, fé, relacionamentos, reflexões profundas e a sensação de liberdade que a Poesia permite vivenciar. Voar, sem sair do lugar.

Sintonia em mim

Conexão imensa

Ao aprofundar

Mergulhar

Desbravar

A intensidade

O infinito do ser.

Segredos

Descobertas

Musicalidade

Liberdade

Poesia

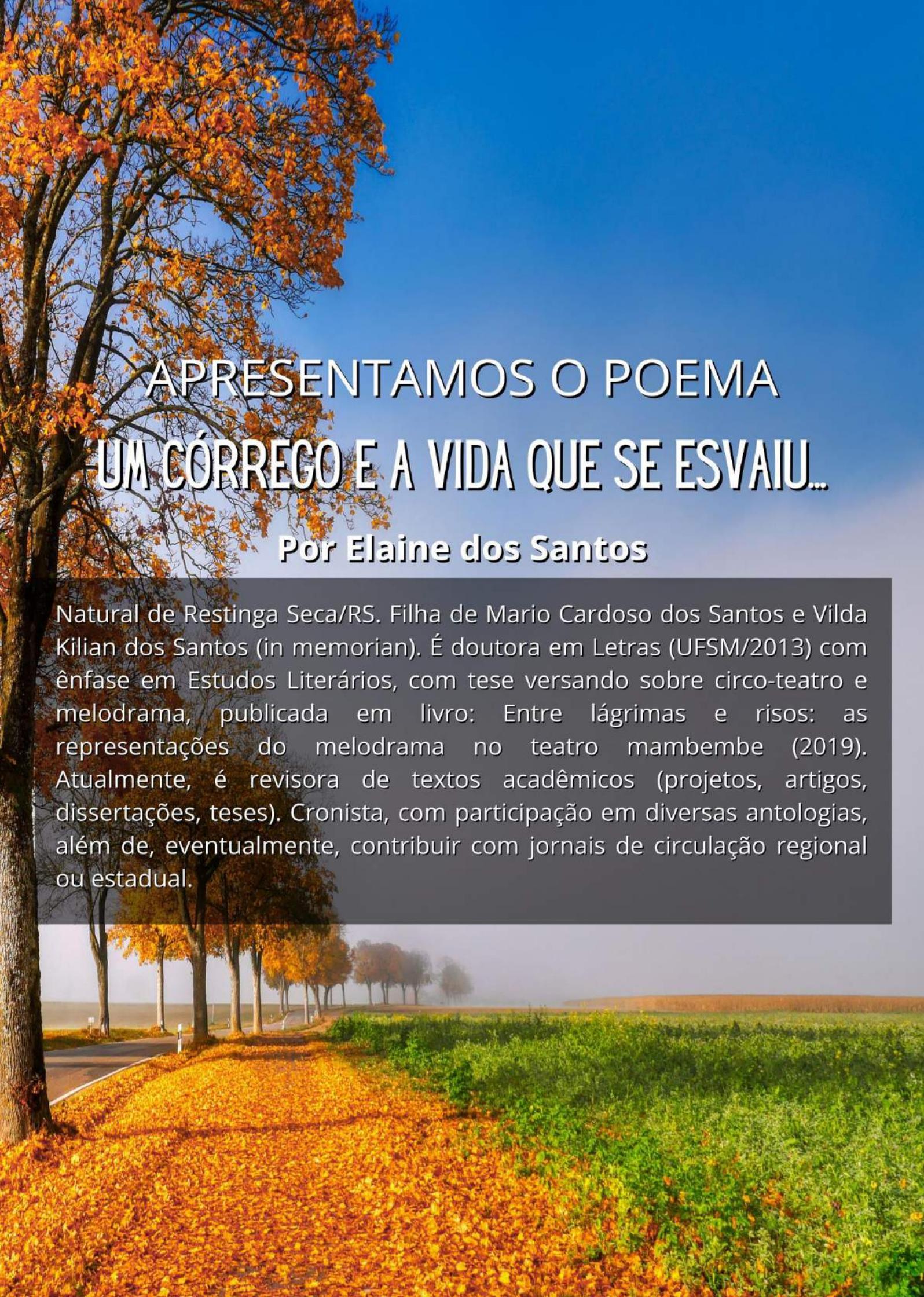
Sou

Seremos

Somos

Um.





APRESENTAMOS O POEMA UM CÓRREGO E A VIDA QUE SE ESVAIU...

Por Elaine dos Santos

Natural de Restinga Seca/RS. Filha de Mario Cardoso dos Santos e Vilda Kilian dos Santos (in memorian). É doutora em Letras (UFSM/2013) com ênfase em Estudos Literários, com tese versando sobre circo-teatro e melodrama, publicada em livro: Entre lágrimas e risos: as representações do melodrama no teatro mambembe (2019). Atualmente, é revisora de textos acadêmicos (projetos, artigos, dissertações, teses). Cronista, com participação em diversas antologias, além de, eventualmente, contribuir com jornais de circulação regional ou estadual.

Tão pequena fonte lá no Pedregulho... seria um olho d'água? Ela vem crescendo, outras fontes, outras águas... nasce um córrego, que, no Rio Grande do Sul, chamamos sanga, a sanga da Restinga, a minha Restinga Seca, terra do meu pai, dos meus avós.

Nas coxilhas que a circundam, cruzam bandos de quero-quero — ah, sim! Por ali, segundo dizem, cruzaram índios...

Há vida que brota, vida que cresce, aqui, lá, acolá, surgem preás.

Às margens, havia corticeiras.

Às margens, havia pitangueiras.

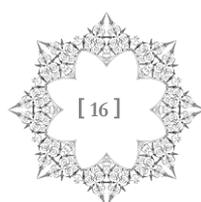
Às margens, ainda há taquareiras.

Pelas manhãs, as mulheres desciam rumo à sanga, levavam trouxas de roupa sobre a cabeça: lava, põe no quaradouro e deixa o sol fazer sua parte, enxagua. A tardinha, as mulheres subiam da sanga, traziam trouxas de roupas brancas sobre a cabeça.

Seguia-se mais um dia... a sanga seguia, abastecia o trem na caixa d'água construída à beira da linha férrea, continuava seu curso e "morria", juntando-se às águas do rio Vacacaí Mirim.

A sanga?! A sanga morreu assoreada, asfixiada pelo lixo da minha cidade. A sanga que fez nascer a cidade foi abandonada e morta pela cidade.

No final do século XIX, construiu-se uma caixa d'água para abastecer trens, depois uma estação ferroviária e, no entorno dela, um povoado. O povoado cresceu, fez-se vila, fez-se cidade, sede de um município. A sanga hoje é um fio d'água correndo entre lixos, já não faz a alegria dos meninos nem nas pescarias, nem nos banhos ao fim da tarde.





APRESENTAMOS O POEMA APROVEITE O OUTONO

Por Vânia Malta

Vânia Lúcia Malta Costa Catunda é brasileira, natural de Maceió-Alagoas. Filha de José Inocêncio Leão Costa e de Maria Cleuda Malta Costa. Tem 4 irmãos. É casada com Júlio César Catunda. Não tem filhos. Médica da Secretaria de Saúde do DF. Recém aposentada. Gosta de escrever poesias e contos. Publicou seu primeiro livro O OLHAR DA VIDA, em fevereiro deste ano (2022).

Folhas tombadas ao chão

É o outono em cena.

Folhas que são varridas,

Outras levadas pelo vento.

Outras machucadas

Pelos pés de alguém.

Outras caem nos bueiros, nos rios, no mar.

Elas seguem seus destinos.

E pergunto para o meu eu, o meu ego;

O que o outono quer revelar para o mundo?

Ele passivamente avisa que os tempos

São de dificuldades,

São de isolamento

São de tristeza.

Para suavizar esses sentimentos

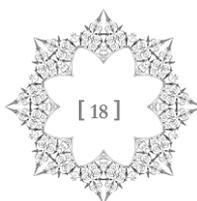
Aconselha a contemplar as belezas naturais,

Como as estações do ano.

E o outono é época da colheita dos frutos.

E com som imperativo ordena, em som alto:

Aproveite-o já!





APRESENTAMOS O POEMA FOLHAS DO OUTONO INCONFORMADAS

Por Vânia Malta

Vânia Lúcia Malta Costa Catunda é brasileira, natural de Maceió-Alagoas. Filha de José Inocêncio Leão Costa e de Maria Cleuda Malta Costa. Tem 4 irmãos. É casada com Júlio César Catunda. Não tem filhos. Médica da Secretaria de Saúde do DF. Recém aposentada. Gosta de escrever poesias e contos. Publicou seu primeiro livro O OLHAR DA VIDA, em fevereiro deste ano (2022).

As folhas caídas do outono estão

Seguindo o rumo dos ventos.

Ficaram chateadas por terem que partir!

E vieram bater à minha porta para saberem

O motivo de deixarem suas árvores,

As suas queridas casinhas.

Vieram bravas, aos montes.

Respondi-lhes:

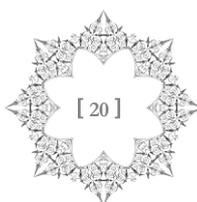
Nesta terra somos guiadas pelo Ser Supremo.

E as ordens do Soberano são rigorosamente cumpridas.

Nada, nem ninguém poderá desobedecê-lo.

E elas seguiram seus caminhos conformadas.

Acredito eu.





APRESENTAMOS O POEMA FLOR DE CACTO

Por Wanda Rop

Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Formação Curso Superior de Filosofia, cursando último semestre do Curso Superior História, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Acadêmica da A.I.S.L.A, A.L.S.P.A, FEBACLA, AILB, AIML e Membro Fundadora da ABHL, Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" e "TEMPO DE AMAR"

Revelo-me, deslumbrante, em poesias
Incólume às ardilosas ciladas da vida
Impetuosa, visionária e amante das artes
Exalto o amor e luto por minhas conquistas

Independente e caleidoscópica, sou mulher
Decidida, poderosa e iluminada por Deus
Percorrendo o caminho com a pureza da alma
Já vivi sonhos, amores e até um adeus

Infeliz é o ser que não ama
A minha vida é labuta, amor e arte
Sou a bela flor de cacto no jardim
Majestosa, respirando a liberdade

Se quiser ser feliz ao meu lado
Deixa-me livre como a brisa
Aprisiona-me e serei tempestade
Incapaz de amar você nesta vida

Amo-me intensamente, sou pluma esvoaçante
E em liberdade, conseguirei te amar
Posso ser meiga, adorável e apaixonante
Ou posso ser o seu jogo de azar



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

Visite: www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Curta: www.facebook.com/projetoautoestima

Siga a página: www.instagram.com/revistaprojetoautoestima

Contato: elenir@cranik.com

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA OS NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI